

## **EDUCOMUNICAÇÃO: DIMENSÃO SOCIAL E POLÍTICA**

*Donizete Soares<sup>1</sup>*

Não foi inventada em gabinete, não é resultado de pesquisas em laboratório e nem surgiu da cabeça de alguém ocupado com questões humanitárias. Ao contrário, a Educomunicação é fruto de relações sociais – exatamente por isso, tensas.

É expressão de sentimentos e pensamentos de pessoas que buscam saídas objetivas e coletivas para sonhos e necessidades não de indivíduos e instituições, mas de grupos sociais que se empenham na construção de uma sociedade livre, fraterna e solidária.

É proposta consciente de alteração da realidade colocada em prática por sujeitos sociais que, em momento algum, aceitam o papel de tarefeiros ou cumpridores de funções a mando de quem quer que seja.

É pesquisa e ação inteiramente realizadas por pessoas que se auto convocam para participar de grupos que regularmente se reúnem, falam de si mesmas, dos motivos que as levam a ficar juntas, do que querem para si mesmas e pra sociedade em que vivem. E, então, produzem comunicação...

Bem por isso, é preciso investigá-la como *phainómenon* 'coisa que aparece'<sup>2</sup>, tratá-la como um texto – tecido composto por fios entrecruzados, nós, cortes, espaços... – num contexto.

O que há na base dessa manifestação? O que, efetivamente, quer dizer a atual recuperação das relações entre educação e comunicação? Por que, num determinado momento, certo tipo de pessoas buscam as intersecções entre áreas que, a partir de certo momento, foram desconectadas uma da outra?

---

1 Donizete Soares é professor de Filosofia e diretor do INSTITUTO GENS

2 "Assim, é fenómeno tudo aquilo (material ou ideal) de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja." Ver Lexicon In: <http://ocanto.esenviseu.net/lexf.htm> Acesso em 15/01/2010



Quais desconfianças movem essas pessoas? O que as levam a buscar as relações importantes e necessárias entre educação e meios de comunicação? Quem foram e quem são os estudiosos e interessados nestas relações? O que elas veem de tão próximo entre uma e outra? Quando e em quais lugares tiveram início essas pesquisas? Por que nesses tempos e locais e não em outros?

Se observarmos, não é isto o que, em geral, tem acontecido sob o signo da Educomunicação. O que não faltam são propostas e ações em seu nome que apenas acrescentam o termo porque pode render alguma nova vantagem.

Uma simples busca na internet nos leva, hoje, para mais de cem mil endereços. Há de tudo: projetos, teses, artigos, blogs, prestadores de serviço, relatos de ações, inclusive com financiamento internacional... Não faltam pesquisadores! Há muita bem intencionada e cheia de vontade de "ajudar" os mais pobres, especialmente "as nossas crianças e jovens que precisam ser retiradas da rua"... Sobram oportunistas e aproveitadores em busca de qualquer patrocínio!

E há também quem questione tanto o significado do termo como os que trabalham com ele<sup>3</sup>.

Grande parte das vezes, a educomunicação tem sido considerada e tratada como sinônimo de assistencialismo. Daí, ser comum o uso de expressões do tipo "ajudar o outro, através do rádio, do vídeo, do jornal"... ou "diminuir a violência, levando cultura para as comunidades menos favorecidas" ou "melhorar a educação pública do país, beneficiando os alunos"...

---

3 *"O importante é que quando você fala de educação e de comunicação você está falando da área social e então você tem que ter um leque de conhecimento extremamente abrangente. Não se faz projeto social sem um conhecimento legal de Economia, História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Pedagogia, Comunicação e, dependendo para onde você vá, de Administração. Esse conhecimento multidisciplinar, para mim, é muito mais agradável do que você estar criando novas disciplinas e quando você cria a disciplina "educomunicação" é porque está querendo garantir reserva de mercado para esses profissionais."* Matéria publicada no site da ONG BemTV:  
<http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/maosdadas.pdf> Acesso em 7/01/2010.



Até no mundo empresarial<sup>4</sup> a Educomunicação surge como *redentora da humanidade*: “caminho de excelência para fazer do âmbito profissional um universo significativo”...

Pode-se dizer que tais ideias, posturas e atitudes, na melhor das hipóteses, são equivocadas e decorrem do desconhecimento e do pieguismo; na pior, por descaramento e desonestidade intelectual, acadêmica, profissional.

Ora, a educomunicação como forma de intervenção social – é assim que a entendemos<sup>5</sup> – nasce num contexto econômico-político-social específico, não muito diferente do que tem sido essas poucas centenas de anos de nossa história, mas muito bem demarcado. Estamos falando da situação da América Latina pós segunda guerra mundial, quando, de modo explícito, os Estados Unidos, polarizando com a então União Soviética o domínio sobre todos os povos, colocaram em prática sua política intervencionista<sup>6</sup>.

Este período ficou conhecido como Guerra Fria e se estendeu até 1991, quando foi extinta a União Soviética. A guerra era chamada de “fria” porque, apesar da luta ideológica, econômica e política, não houve enfrentamento direto entre as superpotências, mas ameaças, provocações e, principalmente, apoio bélico – grande arsenal de armas, incluindo as nucleares, criados, fabricados e vendidos pelas potências mundiais – aos países de um lado e de outro quando, por alguma razão, se enfrentassem.

---

4 “Essa é a via ideal para recuperar a alegria perdida nos números e nas “metas”, nos processos e sistemas “eficientes” que por tanto tempo ofuscaram o homem no contexto da cultura organizacional. Esse é o melhor meio para livrar-nos de um pragmatismo às vezes exagerado e frio, que nos torna seres “vermelhos quase roxos” que “só sabem somar”, “homens sérios” que “nunca viram uma estrela ou cheiraram uma flor”, que “nunca amaram alguém”, verdadeiros “cogumelos ambulantes”, nostálgicos de uma humanidade que intuimos carecer.” In: [http://www.aberje.com.br/novo/acoes\\_artigos\\_mais.asp?id=190](http://www.aberje.com.br/novo/acoes_artigos_mais.asp?id=190) Acesso em 17/01/2010.

5 *Educomunicação – o que é isto?* de Donizete Soares, In: [http://portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao\\_o\\_que\\_e\\_isto.pdf](http://portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf) Acesso em 30/11/2009.

6 É vasta a literatura disponível na internet a respeito do tema. Uma delas, absolutamente indispensável, é *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, que pode ser baixada livremente aqui: <http://migre.me/gJAM> Acesso em 7/01/2010.



Mais que o enfrentamento, contudo, interessava mesmo era a venda das armas, muito embora ele também tenha acontecido: as guerras da Coréia, do Vietnã e do Afeganistão são alguns exemplos.

Por sua vez, na América Latina, países como República Dominicana, Haiti, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Brasil foram vítimas de golpe militar<sup>7</sup> patrocinado pelos Estados Unidos.

As décadas de 60 a 80 do século passado ficarão na história de todos nós, latino americanos, como verdadeiros “anos de chumbo”<sup>8</sup>, dada a violência com que a sociedade civil foi tratada.

Em especial, no Brasil, este período foi de 1964 até 1985.

Como sabemos, os interesses de um grupo específico da sociedade não são os mesmos de toda a sociedade. Ao contrário, cada um deles, ao se apresentar, expressa o que pensa e quer tanto para si mesmo como para todos os outros. E evidentemente os interesses são diferentes. Consequentemente, os choques, os enfrentamentos, as oposições são inevitáveis...

Por outro lado, uma das formas historicamente encontradas para encaminhar e discutir, de modo *civilizado*, os conflitos causados por tais diferenças é a democracia. Em sentido geral, o termo quer dizer regime de governo no qual o poder de decisão sobre a vida social, econômica, cultural e política de um país está nas mãos do povo, da sociedade civil. Teoricamente, democracia é o mesmo que poder descentralizado, dele participando, portanto, todos os cidadãos<sup>9</sup>.

---

7 Por golpe militar entende-se a tomada do poder pelos militares em nome da defesa do país contra interesses (e ameaças) contrários aos interesses que eles julgam ser do país que defendem. Veja artigos de Osvaldo Coggiola em <http://www.coggiola.blogspot.com.br/>, especialmente *América Latina no olho da tormenta mundial* em <http://oohodahistoria.org/n12/artigos/coggiola.pdf> Acesso em 10/12/2009.

8 Ver MACHADO, Arlindo. *Os Anos de Chumbo. Mídia, Poética e Ideologia no Período de Resistência ao Autoritarismo Militar*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

9 Veja aqui o significado, o histórico e as formas de democracia: <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1801/Democracia> Acesso em 20/11/2009.

Claro, não sabemos na prática o que é isto. Não conhecemos outra que a democracia representativa, na medida em que transferimos para políticos profissionais a responsabilidade de decidirem sobre o que é e o que não é bom e conveniente para todos. O que, evidentemente, é um passo importante em relação à ditadura<sup>10</sup> – regime político em que o governante apoiado por um grupo, porque não tem legitimidade alguma conferida pelas pessoas, simplesmente não respeita as instituições e nem responde à lei.

De qualquer forma, a construção histórica da democracia tem a ver conosco, como tem a ver com todos os povos – desde os gregos, se quisermos.

Ou seja, se tem a ver conosco enquanto concepção, evidentemente tem a ver conosco também enquanto realização. Lutar por ela, então, ao mesmo tempo, é direito e dever de cada um de nós em particular e de todos nós enquanto coletividade. Uma das razões da democracia indireta, como é o nosso caso atual, assim como da ditadura em momentos mais difíceis<sup>11</sup>, é justamente a falta de organização das pessoas – o que, evidentemente, não é das coisas mais fáceis quando se vive em sociedades cada vez mais complexas.

Grupos sociais organizados em torno de objetivos comuns exigem, além da disponibilidade individual das pessoas, educação e experiência, inclusive a experiência dos antepassados.

Vale dizer: para que haja organização social em torno dos interesses de um mesmo grupo é necessário muito mais que a boa vontade dessas ou daquelas pessoas; é preciso, antes de tudo, que o maior número dessas pessoas seja informada sobre as possibilidades reais dessa organização acontecer.

Depois, é preciso que sejam educadas politicamente, não só teoricamente, mas fazendo política desde a infância, em casa, na escola, na rua, no trabalho...

10 Sobre a Ditadura Militar no Brasil:

<http://www.mundosites.net/historiadobrasil/ditaduramilitar.htm> Acesso em 20/11/2009.



Não de vez em quando – brincando de ser parlamentar<sup>12</sup> ou de votar<sup>13</sup>, por exemplo –, mas participando sempre e efetivamente das decisões familiares, escolares, de lazer e nos seus locais de atuação profissional.

Claro que não sabemos o que também isto significa na prática. Nunca experimentamos, nunca vivenciamos situações inteiramente democráticas nem por aqui e nem por toda a América Latina. A rigor, é curtíssimo o tempo que temos respirado ares mais ou menos próximos desse tipo...

Pois bem, é disso que estamos falando. É exatamente da efetiva participação dos grupos sociais em uma sociedade democrática que estamos falando, quando afirmamos a dimensão social e política da Educomunicação.

Vivenciar nos grupos de produção coletiva de comunicação as reais possibilidades de juntos decidirmos o que queremos para nós, para os que convivem conosco, para o nosso país, para o nosso tempo – eis o que a Educomunicação como forma de intervenção social tem de novo ou proposta<sup>14</sup>.

Observe que falamos em *grupos*. Como sabemos, para qualquer trabalho em grupo ser efetivo é preciso que ele seja constituído por um número pequeno de pessoas. Somente assim, cada um tem espaço e condições para manifestar o que sente e pensa. Caso contrário, frequentemente as pessoas se dispersam e, como sempre acontece, apenas um ou outro fala, enquanto a maioria, no máximo, concorda ou discorda... Somente isso.

---

12 Observe <http://www.criancanoparlamento.org.br/> Acesso em 12/01/2010

13 É comum, em período eleitoral, certas escolas promoverem simulação de eleições entre as crianças, fazendo-as imitarem os candidatos reais. Chamam a isto de "educação para a cidadania"... O que é absolutamente incomum é estas escolas ouvirem o que as crianças têm a dizer, por exemplo, da própria escola.

14 O modo como entendemos e trabalhamos a Educomunicação como forma de intervenção social foi objeto da tese de doutorado de Grácia Lopes Lima: *Educação Pelos Meios de Comunicação ou Produção Coletiva de Comunicação na perspectiva da Educomunicação*, São Paulo, Instituto GENS, 2009. A obra também está disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29042009-152804/> e os anexos (vídeo, áudio e fotos) em <http://www.portalgens.com.br/livroeducunicacao/home/> Acesso em 20/11/2009



Trabalhar na perspectiva da educomunicação, do nosso ponto de vista, é caminhar no sentido de conquistar espaços que garantam, se as pessoas quiserem, o direito humano à divulgação do que elas entendem que deve ser tornado público e, assim, estabelecer, com quem quer que seja, a comunicação: ações em comum decorrentes da tomada de decisão de cada um. Algo bem distante e diferente, portanto, daquelas ações que levam pessoas a atuarem de porta bandeira, carregando, de forma alienada, ideais e sonhos dos outros.

Esta é a dimensão social e política da educomunicação.

Compreendê-la é algo que exige, além do conhecimento do contexto em que se vive, intencionalidade e objetividade no trato com as ideias e com as pessoas: dizer a quê veio, por quê veio, o que pretende, onde quer chegar e quais caminhos pretende propor<sup>15</sup>...

Mais do que saber e ensinar a utilizar rádio, vídeo, jornal ou qualquer outra mídia, o trabalho de mediação em produções coletivas de comunicação na perspectiva da Educomunicação tem a ver com o pensamento e a ação de quem, por razões históricas, tem compromisso com a alteração de modos de convivência social pautados pelas diferentes formas de injustiça praticada no passado e no presente. Mais: tem a clareza e a consciência de que o ontem e o hoje são o resultado de ações dos que vieram antes de nós, cabe a nós, então, se quisermos, mudá-lo, alterá-lo, transformá-lo.

Não se trata, pois, de um posicionamento qualquer. É de postura crítica que estamos falando: ou entendemos a realidade como criação humana ou nos tornamos submissos e vítimas dela...

---

15 Nas palavras de Mário Kaplún: *"Este texto aspira a converterse en un instrumento de trabajo de aquellos comunicadores y estudiantes animados por una inquietud educativa; de quienes ven la Comunicación no sólo como una profesión y un medio de vida sino como algo más: como un servicio a la sociedad. Una práctica profesional así entendida no sólo requiere conocer y dominar los recursos mediáticos; necesita sustentarse en una pedagogía comunicacional."* (p.6) In: KAPLÚN, Mario. *Comunicación entre grupos – El método de cassette-foro*. Bogotá: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.



Enfim, trabalhar na perspectiva da Educomunicação tem a ver com postura política e com busca de possibilidades de intervenção social no sentido de transformar a realidade de acordo com a vontade e as possibilidades do grupo com o qual se trabalha. Tem a ver, portanto, com compromisso individual e coletivo e com o exercício diário e atento em relação aos processos de cooptação, tão próximos, caros e necessários à burocracia<sup>16</sup>.

Claro está que o modo como estamos tratando a Educomunicação busca fazer um resgate de suas origens em nosso meio nas últimas décadas do século 20. Mais que necessário, a nosso ver, isto é uma obrigação, sobretudo porque, em nome da profissionalização<sup>17</sup>, estamos longe do que foram – e para nós, continuam sendo – os propósitos e objetivos da educomunicação<sup>18</sup>.

**São Paulo, 19 de janeiro de 2010.**



Educomunicação: dimensão social e política by [Donizete Soares](#) is licensed under a [Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License](#). Based on a work at [PORTALGENS](#). Permissions beyond the scope of this license may be available at <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>.

16 Considerando que a universidade é, por excelência, o espaço de formação de profissionais, e também por excelência, um meio de cooptação dos mais jovens segundo os interesses de uma minoria, vale a pena ler o texto de Maurício Tragtenberg, *A Delinquência Acadêmica*: [http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/a\\_delinquencia\\_academica.pdf](http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/a_delinquencia_academica.pdf) Acesso em 7/01/2010.

17 Ver Educomunicação não é profissão”, de Donizete Soares, In: [http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/educunicacao\\_nao\\_e\\_%20profissao.pdf](http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/educunicacao_nao_e_%20profissao.pdf) Acesso em 17/01/2010.

18 Como afirma Kaplún em *De medio y fines en comunicación* (1997): “En 1924, Freinet recurrió al que la incipiente tecnología de su tiempo ponía a su alcance: una imprentita de tipos móviles, posible de ser operada por niños. Hoy tenemos muchos otros, hasta el sofisticado correo electrónico. Pero la cuestión sigue siendo la misma: para qué usar los medios, si para el monólogo - aunque sea más atractivo y espectacular, más poblado de imágenes y de colores- o para la participación y la interlocución; para seguir perpetuando alumnos silentes o instituir educandos hablantes; para continuar acrecentando la población de receptores o para generar y potenciar nuevos emisores.” In: <http://chasqui.comunica.org/kaplun.htm> Acesso em 7/01/2010.